DONA SANTA: A INDUMENTÁRIA DE UMA RAINHA

Manoela Cirino dos Santos[1]

RESUMO: A partir dos estudos e análises das fotografias de jornais e acervos disponíveis, pretende-se abordar uma história comparativa da indumentária utilizada pela rainha do Maracatu-Nação Elefante, Dona Santa com a moda europeia oitocentista. Para tal, irá-se examinar os aspectos pessoais dessa figura, seu nascimento, seus familiares e como chegou ao posto de Rainha; os religiosos, seu papel como uma das maiores Yalorixás recifenses e a repressão que enfrentou nas décadas de 1930 e 1940; a importância dessa mulher negra vista e respeitada como uma Rainha; e por fim, um comparativo das roupas utilizadas no desfile com àquilo que era lido como pertencente à classe abastada branca. Assim como também, explorar um pouco a relação dessa figura com suas vestes.

PALAVRAS-CHAVE: Dona Santa. Roupas. Maracatu.

1 DONA SANTA

Dona Santa, que nasceu como Maria Júlia Santiago, provavelmente daí o apelido que tinha na infância de Santinha, e que mais tarde originou no nome que ficou mais conhecida, nasceu em 1873 no Pátio de Santa Cruz, centro do Recife. Era sobrinha do criador do Maracatu Elefante, Manoel Santiago, teve um irmão, Félix Santiago, e foi casada com João Vitorino Nascimento, este que foi o responsável por levá-la ao Elefante. Dona Santa e seu esposo desfilavam pelo Maracatu Leão Coroado, no entanto, quando este foi chamado para assumir a liderança do Nação-Elefante, os dois foram juntos, mas não assumiram o maracatu da mesma forma, o responsável era somente Vitorino. Dona Santa assumiu o Maracatu anos após a morte de seu marido, tornando-se a liderança deste somente em 1947. É necessário pontuar que, embora o Elefante tenha crescido sob seu comando, foi o seu nome que floresceu pelo Brasil, tanto que era constantemente procurada por jornais cariocas para dar entrevistas, além de ter sido tema do samba-enredo da G.R.E.S Império Serrano em 1974.

[1] Manoela Cirino dos Santos, graduanda no curso de História-Bacharelado na Universidade Federal de Pernambuco.

É importante mencionar a questão da perseguição que os maracatus sofreram em Pernambuco durante as décadas de 1930 e 1940. Embora tenha começado ainda sob o governo de Carlos de Lima Cavalcanti, e com o auxílio de Ulysses Pernambucano, as religiões afro-indígenas foram transformadas em doenças psicossomáticas através do Serviço de Higiene Mental (CAMPOS, 2001). Mas foi durante o governo de Agamenon Magalhães que essas perseguições ganharam uma nova faceta violenta, em que muitos terreiros e praticantes das religiões da Jurema ou Xangô passaram a serem vítimas de batidas policiais, inclusive a própria Dona Santa, como é mostrado em matéria para o Jornal da Manhã, em que lhe foi apreendido ervas, cachimbos e cachaça.

Um ponto que deve ser analisado acerca de Dona Santa é o orgulho que possuía de suas roupas e como em todas as fotografias que se tem sobre ela, está sempre nesses trajes. O modo que se vestia durante o carnaval chamava atenção por estar sempre em bons tecidos, como veludo e seda, além de não repetir roupa de nenhum desfile. Em uma entrevista para o jornal O Cruzeiro em 1954 fez questão de enfatizar como os seus tecidos eram os melhores da região e que ninguém conseguia roupas iguais às dela. Esse orgulho que possuía das suas roupas, e de estar sempre nos melhores tecidos, pode estar ligado ao fator religião, visto que no candomblé o uso de tecidos, além de estar ligado a questão estética também contribui para a distinção da hierarquia dentro do terreiro, e Dona Santa era uma Yalorixá, ou seja, ocupava um alto cargo dentro da religião. Mas também pode ter uma conexão com as festividades do Rei do Congo, visto que o Maracatu surgiu através desta festa, e que também exigia um determinado tipo de roupa para os seus desfiles. No entanto, antes de analisar essa questão, precisa-se ter em em mente a importância que as roupas possuíam para a população negra cativa brasileira.

1.1 A MODA PARA A POPULAÇÃO NEGRA

Antes de se iniciar uma discussão aprofundada acerca das vestimentas utilizadas por Dona Santa enquanto Rainha do Maracatu-Nação Elefante, é necessário que se compreenda a dificuldade que permeia os estudos relacionados a roupas ou estética negra no Brasil. O estudo de Moda, especialmente aquele voltado para a população negra, ainda é um tabu dentro do campo historiográfico. Por mais que tenha ganhado mais

notoriedade nos últimos anos, esta temática ainda é vista como algo fútil, embora esteja constantemente presente no cotidiano social, e através dela seja possível realizar análises de relações de poder que vão além das questões de classe, como mostra ROVINE (2015), ao tentar encontrar uma classificação una para Moda, a autora explica como esta não pode ser vista como uma invenção ocidental, mais especificamente europeia, e fruto da Modernidade. Afirmar estes argumentos, que são os utilizados por Gilles Lipovetsky (1999) em sua obra considerada cânone dentro dos estudos da História da Moda 'O Império do Efêmero, é o mesmo que sentenciar culturas africanas, asiáticas, latinas, etc., a um papel de subdesenvolvimento e apatia social que não existiu. Repensar o papel que a Moda assume dentre esses continentes, especialmente o africano, é também refletir o que as pessoas que foram trazidas à força para o país, carregaram junto a si, e como isto reflete nas diferentes representações culturais que se possui atualmente.

É através dos estudos das vestes que se torna possível uma melhor análise da relação homem - sociedade, ao mesmo tempo que este vai buscar uma forma de mostrar sua unicidade, o modo de vestir ao mesmo tempo mostra a busca pelo pertencimento em algum grupo social. Umberto Eco (1975 *apud* BITTENCOURT, 2013) diz que "O vestuário é comunicação", ou seja, as roupas ganharam um propósito para além de cobrir os corpos, através delas que se torna possível mostrar sua personalidade, sua essência para o mundo. É importante frisar ainda como a indumentária, além de representar essa busca por pertencimento, ela pode também mostrar o já pertencimento de um indivíduo a um grupo ou sociedade, como pode ser visto em grupos étnicos como os Yorubá ou Igbo da África Ocidental, que através de seus tecidos e das pinturas destes, carregam a história de seu povo.

Se é a vestimenta que mostra a identidade do indivíduo, o que acontece quando este é despojado de tudo aquilo que lhe representa? Essa questão pode ser respondida com uma análise do que aconteceu com os africanos escravizados, desde a sua partida da sua terra natal, passando pela travessia do Atlântico, até os leilões que eram expostos. A escravização dos povos negros começou muito antes do trabalho forçado nos canaviais ou nas fazendas de café, com a separação dos grupos étnicos, para evitar possíveis revoltas, a proibição de bens pessoais, como os adornos, e do uso dos tecidos

locais. Só lhes eram permitidos aquilo que cobrisse suas partes íntimas, como será visto na imagem abaixo:



Imagem 1:Interior de um Navio Negreiro. Johann Moritz Rugendas. (1802 - 1858).

E essa questão de retirar o que lhes identificava acaba trazendo à tona um outro processo, que é o de europeização dos negros cativos. O pudor que regia a cristandade europeia será um dos fatores para que o corpo nu seja enxergado como selvageria, enquanto que o cobrimento total como civilidade. ESTER E JACK GODOY (1996 *apud* ROVINE, 2013) mostram como para os povos originários que hoje constituem Gana, as novas roupas - levadas pelos colonizadores - representavam a dominação e os perigos que a "civilização" forçada representava para aquelas sociedades.

Com a chegada desses povos no Brasil, ocorreram separações a partir de etnia, idade e gênero, e essas divisões também influenciavam nas roupas que cada grupo receberia: enquanto os homens usavam calções, as mulheres utilizavam saias e enrolavam pedaços de pano como turbantes, já crianças não usavam nenhum tipo de traje acreditavam que não era necessário, segundo SCARANO (2006). Uma representação desse quadro pode ser vista na obra de Rugendas. Nela também é possível perceber alguns dos personagens fazendo uso das camisas, e é importante apontar que, ainda segundo

SCARANO (2006), somente os que já haviam atingido um certo patamar dentro da hierarquia naquela sociedade escravista, ou os que já tinham conseguido a sua liberdade é que tinham acesso a essa peça:

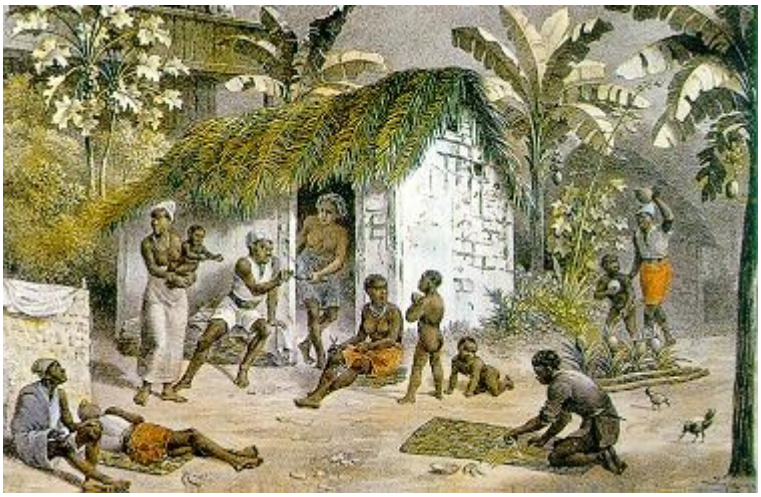

Imagem 2: Habitação de negros. Johann Moritz Rugendas. 1827 - 1835.

Outro ponto a se destacar dentro dessa separação entre os cativos era a do local em que estes se encontravam, os que trabalhavam no campo, dos que tinham serviço doméstico e daqueles que viviam nos centros urbanos. Os últimos grupos geralmente eram os mais bem-vestidos, com roupas que eram presentes dos senhores ou sinhazinhas, no entanto, esses regalos funcionavam mais como uma forma de demonstração das riquezas que esses donos de fazenda possuíam do que o apreço pelo escravizado:

> Enquanto, de um lado, o uso de jóias das escravizadas incomodava, como
> vimos anteriormente, por outro, neste caso, poderiam significar a riqueza de quem
> era seu proprietário. Reforça-se, aqui, o conjunto de ambiguidades que marcava as
> relações entre escravos e senhores. Era comum as senhoras exibirem-se com suas mucambas vestidas à sua maneira, enfeitando-as com peças de ouro e prata. [...] Explicita-se aqui a ostentação de poder que essas senhoras exerciam sobre suas escravizadas. Uma cultura de excessos, na qual o uso desses objetos luxuosos afirmava a situação social dessas senhoras, e não necessariamente a das escravizadas que os portavam. (CUSTÓDIO, 2015, p. 78).

Um outro fator que também deve ser levado em conta nessa discussão era o incômodo que essas escravizadas causavam quando eram vistas nesses trajes, este que causou inúmeras denúncias (MARTINS, 2017) às autoridades visto que era proibido àqueles que não ocupassem altos cargos na hierarquia social, ou que não fossem brancos, tivessem acesso a esse tipo de produção. Essa questão do uso de boas roupas também interferia no campo religioso, visto que no candomblé a estética (SANTOS, 2014) é um elemento muito importante. Segundo SANTOS (2014), as roupas que se utilizam atualmente para as festas em homenagem aos orixás descendem das vestes utilizadas pelas negras escravizadas ou libertas. Isso significa que quando se tinha alguma festividade, essas mulheres negras, como forma de agradar o orixá a quem estariam ofertando, utilizariam seus melhores trajes. Essa questão da indumentária também está envolvida com a hierarquização dentro do candomblé, visto que, cada roupa, tecido e cor corresponde não somente a uma entidade, mas também a posição na qual a pessoa encontra-se.

Mas, não era somente dentro do candomblé que esse tipo de vestuário era utilizado, durante as festividades do Rei do Congo, que já aconteciam na Europa desde o século XV, e que passou a ocorrer em Pernambuco a partir do século XVII, e que tinha ligação com a Igreja Católica, mais especificamente a Igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, era comum que após as missas, os cativos, trajando as roupas de seus senhores, realizassem uma eleição para escolher um rei e uma rainha e desfilavam pelas ruas com instrumentos improvisados e recitando cantos. Suas roupas são descritas da seguinte forma: “[...] Vestiam as roupas de seus senhores e senhoras, trazendo correntes de ouro e brincos de pérolas; alguns estavam mascarados” (SILVA, 1999). É importante avaliar essas duas ligações acerca de como essas roupas mais apresentáveis eram utilizadas, pois ambas possuem fortes ligações com o Maracatu-Nação. As festas do Rei do Congo que literalmente, no século XIX originou os primeiros maracatus, e o candomblé que além de ser fortemente referenciado nos cortejos, acabou se tornando intrínseco a essa manifestação cultural, tanto que muitos dos membros acabam sendo

candomblecistas, e muitas das rainhas são Yalorixás em seus terreiros, como foi o caso de Dona Santa.

2 DONA SANTA: A INDUMENTÁRIA DE UMA RAINHA

Um aspecto que não pode ser ignorado a respeito das vestes é o significado social que elas passam. Dona Santa viveu em uma época em que não existiam tantas imagens positivas de pessoas negras, especialmente de mulheres negras, no geral eram animalizadas e hiperssexualizadas, no entanto, esse não é o caso aqui, e isso pode ter ocorrido por dois motivos: a falta de imagens de D. Santa em outras produções, e pelo respeito que sua figura ganhou da população, entretanto, é necessário avaliar alguns aspectos desta última. Ao mesmo tempo em que é possível observar a grandeza com a qual o Elefante e sua Rainha eram tratados pela imprensa, políticos e sociedade, é importante que se compreenda como o foco principal indo somente para este grupo e para esta mulher negra os transformava em uma espécie de totem para mostrar a aceitação, não necessariamente das pessoas negras, mas dos aspectos culturais que estes produziram. Um exemplo disso foi uma apresentação que o Maracatu Nação-Elefante realizou no Clube Náutico do Capibaribe, em que foram convidados mas precisavam "se comportar" (FERREIRA, 2018). Durante esse período, a imprensa brasileira e o governo federal vão passar a exaltar a cultura nacional, especialmente o carnaval. Contudo, isso não altera o fato de que Dona Santa foi uma figura de extrema importância para a valorização do Maracatu-Nação, e que soube como agir como uma verdadeira mediadora durante os períodos que precediam o carnaval.

Partindo para a análise de alguns dos figurinos utilizados em seus desfiles, e sabendo-se dos motivos que ocasionaram o luxo no qual os trajes utilizados por Dona Santa estavam envoltos, o que se precisa observar nessas roupas são as influências europeias e africanas que estas possuem.



Vestido de Dona Santa, foto tirada no Museu do Homem do Nordeste. Arquivo da autora.

Na primeira imagem, temos um dos vestidos que encontra-se em exposição no Museu do Homem do Nordeste[2].O vestido é um modelo com silhueta do século XIX, a saia com volume e as mangas bufantes, mas não é completamente ajustado ao corpo, ele tem um caimento mais solto, e isso pode se dar pelo fato de que nas religião candomblecistas, as roupas devem ser mais folgadas (SANTOS, 2014). A peça conta ainda com duas tiras em azul e ornados com galões dourados e detalhes de flores feitas em lantejoulas multicoloridas, além de detalhes em canutilhos e bolas de aljôfar nas cores dourada e verde e uma cauda na parte posterior. Era muito provavelmente inspirado em vestidos de baile. Sua silhueta é similar a alguns dos vestidos usados pela Rainha Victoria I do Reino Unido:

[2] O Museu do Homem do Nordeste recebeu da filha de Dona Santa, após a sua morte, todos os seus objetos ligados ao Maracatu-Nação Elefante.



Vestido utilizado pela Rainha Victória. 1851. Fonte: https://rainhastragicas.com/2020/04/27/estilo-da-rainha-vitoria/

As silhuetas de ambos os vestidos são bastante similares, embora a manga com mais volume seja uma característica da década de 1820 e o vestido da inglesa do começo dos anos de 1850, é possível notar o destaque na saia, no de D. Santa funciona na forma de faixas com destaques em dourado, já no modelo inglês são em flores douradas que levam a abertura no centro da saia, revelando uma outra estampa. A manga mais larga que leva a uma mais justa ao braço de renda pode ser vista sendo usada de forma similar pela maracatuzeira: no lugar de um segundo pano, Dona Santa usou luvas de renda. Uma forma de adaptação do que a Rainha Victoria utilizava. O vestido de Dona Santa é feito de cordonê, um material que é produzido a partir do mais puro algodão, nas cores amarela e azul, conta ainda com aplicações de lantejoulas. No Maracatu-Nação existem inúmeras referências aos orixás, e algumas delas podem ser encontradas nas cores utilizadas nas roupas dos reis, rainhas e calungas. Para esse vestido, muito provavelmente o orixá referido é Oxum.



Dona Santa, Rainha do Maracatu Nação Elefante, Katarina Real, 1961. Fonte: https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/base-da-villa-digital/iconografia/item/3794-dona-santa-rainha-do-maracatu-nacao-elefante

Na imagem acima nota-se Dona Santa em um vestido amarelo-ouro, em uma provável referência a Iansã, com uma capa em veludo azul escuro, sua coroa, uma espada de Iansã na mão esquerda e o cetro na direita, além de luvas em renda também na cor azul. Embora as referências para corte europeia estejam mais evidentes aos olhos, com toda a simbologia que remete à monarquia, deve-se analisar para além das cores, os adereços utilizados por D. Santa na foto. Esses adornos tinham um intuito para além do enfeite, muitos demonstravam a busca por proteção ou benção, um costume que se iniciou com os antepassados africanos. As pulseiras em formato de argola remontam as peças utilizadas pelas crioulas lá nos séculos XVIII e XIX (FERREIRA) que usavam grandes peças feitas de metal como forma de aludir ao que se usava antes de serem forçados a saírem do continente africano. Na sua cintura, no lado direito, pode-se observar um material de ferro dourado que traz semelhanças dos balangandãs utilizados pelas negras oitocentistas e novecentistas. Esses balangandãs remetem à Ogum, orixá que domina o

ferro, e tinham como função levar a proteção para aqueles que carregavam esses objetos (HARDMAN, 2017). D. Santa também usa um colar de pérolas com medalhão de pingente, um colar com um leque e uma figa, que está sendo utilizada para trazer proteção. A figa já havia sido utilizada em outros momentos pela rainha, como se pode observar pela imagem abaixo:



Dona Santa com seu traje de rainha do Maracatu Elefante, 1960. Katarina Real. Fonte: https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/base-da-villa-digital/iconografia/item/4183-dona-santa-com-seu-traje-de-rainha-do-maracatu-elefante

Para a imagem acima, nota-se para além do uso da figa, a presença também de um búzio e as duas formas estão atreladas a, mais uma vez, um medalhão. Um objeto interessante de se observar nesta foto é a placa de metal, provavelmente revestida de cobre, que se encontra atrelada à cintura na parte direita. É uma peça que não faz parte do vestido, então mais uma vez é possível que seja alguma forma de pedido de proteção ou bençãos durante o desfile.

É interessante analisar como embora os elementos que remetem a cultura europeia estejam presentes, e geralmente são os mais rápidos de serem percebidos durante o desfile da corte, a ligação com a cultura africana também está ali e precisa ser destacada. Para além do batuque dos tambores, as roupas e acessórios utilizados nos desfiles também fazem parte da cultura afro-brasileira tanto pela história de como elas eram usadas pelos

cativos, quanto pelos componentes africanos que foram sendo adicionados, como forma de resgatar a cultura que lhes havia sido forçadamente afastada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de suas roupas, e dos materiais que eram utilizados para a composição de seus trajes, Dona Santa destacava-se como a majestade que era, sua posição enquanto rainha e Yalorixá estavam sempre muito atreladas, e isso era perceptível em suas vestes. O estudo das roupas utilizada por essa figura não se limita apenas a análise dos vestidos que esta utilizava, fala sobre a cultura ancestral que foi trazida da África, e como esta foi se modificando e se transformando no que se conhece atualmente.

Quando se analisa essa indumentária é possível compreender ainda quem era D. Santa e qual o papel que ela assumia na sociedade pernambucana na época, que durante o ano todo era mais uma mulher negra, moradora da Zona Norte do Recife e que enfrentava dificuldades com a polícia, mas quando a Festa do Momo se aproximava, assumia o seu trono como rainha soberana do carnaval pernambucano,. A diferença que era tratada era perceptível, visto que chegou a realizar apresentações em locais que no cotidiano não seria aceita, mas que nas festividades, era a convidada principal. Estudar seus vestidos, adornos e outros enfeites é entender como essa mulher conseguiu construir seu nome como um dos maiores símbolos carnavalescos recifenses, e que influencia até hoje, prova disso é que em 2020 foi eleita patrona dos maracatus nação. Em tempos em que não se existe tanto investimento as manifestações culturais locais, rememorar Dona Santa é também rememorar a importância dos símbolos negros regionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. O Combate ao Catimbó: práticas repressivas às religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta. Dissertação (Doutorado em História) 2001. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco. 2001.

CARMO, Íris Nery do. Entre sinhás, mucamas, iaiázinhas e amas de leite: mulheres negras e brancas na sociedade brasileira do século XIX e início do XX. 2012. Revista Senso Comum, n°2, p. 108-123.

FERREIRA, Mariana Alcantara. A construção de uma identidade cultural: Dona Santa: Dona Santa rainha do maracatu. 2018. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade de São Paulo. 2018.

FERREIRA, Amanda Gatinho. Poder, simbolismo, religiosidade e misticismo - um estudo da jóia balangandã. Tucunduba.

HARDMAN, Aline Souza. Pencas de Balangandãs: construção histórica, visual e social das "crioulas" no século XIX. 2015. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual). Faculdade de Artes Visuais. Universidade Federal de Goiás. 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas - 3° edição. São Paulo. 1999. Companhia das Letras. p. 27-35.

LODY, RAUL e BATISTA, Maria Regina Martins. Coleção de objetos afro-brasileiros e maracatú elefante - Museu do Homem do Nordeste.

MARTINS, Malu. Diga-me como andam teus negros e te direi quem és: um estudo sobre a indumentária escrava como fator de distinção social no período colonial brasileiro. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Moda). Instituto de Cultura e Arte. Universidade Federal do Ceará. 2017.

SANTOS, Daisy Conceição. Roupas de Axé: a coleção de indumentárias litúrgicas do museu afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal da Bahia, 2014.

ROVINE, Victoria L. African Global Style - Histories, Innovations and Ideas You Can Wear. 1° edição. 2015. Indiana. Indiana University Press - Bloomington and Indianopolis. p. 17-18.

SCARANO, Julita. Roupas de escravos e de forros. 2006. Revista Resgate. p. 51-61.

SILVA, Leonardo Dantas. A Corte dos Reis do Congo e os Maracatus do Recife. 1999. Ci & Tróp., Recife, v. 27, n°2, p. 363-384, jul/dez.

Documentos:

MEDEIROS, José. Maracatus e Caboclinhos em Pernambuco - 57 anos de reinado. O Cruzeiro. Rio de Janeiro. 27 de fevereiro de 1954. Link: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pesq=%22dona%20santa%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=90554